

RETORNO DA NARRATIVA: A BUSCA DO SIGNIFICADO

Luiz Gonzaga Motta¹

RESUMO

Até meados do século passado o estudo sistemático das narrativas estava restrito à teoria literária. A partir daí, a narrativa passou a ser objeto privilegiado de setores até então refratários ao seu estudo (como a história, antropologia, sociologia). O artigo rastreia as razões conceituais do retorno da narrativa ao centro das preocupações nas ciências sociais e cognitivas. Defende a tese que o retorno das narrativas ao cenário acadêmico decorre de uma guinada paradigmática das ciências sociais e cognitivas rumo à linguagem e suas interpretações culturais enquanto processos formuladores e constituidores do mundo social.

Palavras-chave: Giro linguístico. Novo paradigma. Narrativas. Construção social e cultural da realidade.

A narrativa retornou definitivamente à cena cultural. No ambiente midiático ela se consolidou com as novas tecnologias e a aceleração da produção de filmes, telenovelas, reportagens, anúncios, histórias em quadrinho, romances-reportagens, biografias, romances-históricos, peças teatrais e inúmeros outros tipos de relatos da industrial cultural. Simultaneamente, ela proliferou na web através de blogs e redes sociais onde os diários personalizados e revelações íntimas se alastraram. A narrativa popular sempre existiu, seduziu e encantou audiências. Mas, a sua incrível disseminação pela indústria cultural é um fato desconcertante. Faz parte do que Thompson (1998) chamou de 'historicidade e mundaneidade mediadas': nosso sentido de passado e pertença ficou cada vez mais dependente da expansão e de reservatórios de formas simbólicas mediadas.

Paralelamente a essa disseminação em massa, a narrativa passou a ser exaustivamente estudada nas universidades e congressos em todo o mundo, em todos os idiomas. Livros, artigos e teses de todo tipo escrutinam detalhes da composição das intrigas e seus efeitos sobre a sociedade. Até meados do século passado o estudo sistemático das narrativas estava restrito à teoria literária e áreas afins. A partir daí, passou a ser objeto privilegiado de setores acadêmicos até então refratários ao estudo da narrativa (como a filosofia, história, antropologia) e sua aplicação prática (como na psicologia, psicanálise, teorias cognitivas). A forte presença da narrativa no mundo acadêmico hoje sugere que há algo desconcertante no ar, que queremos rastrear.

Este artigo parte da onipresença da narrativa no cenário cultural atual para compreender se este fenômeno é simples modismo ou possui razões paradigmáticas e conceituais. O artigo não dará atenção às razões da disseminação das narrativas na mídia, questão suficientemente explorada por tantos autores (Bell, 1996; Thompson, 1998; Silverstone, 2002; Charaudeau, 2010; van Dijk, 1996 e 2010). Nosso raciocínio parte da presença massiva dos relatos no cenário midiático, mas explora as razões filosóficas e conceituais do retorno da narrativa enquanto objeto privilegiado das ciências sociais nas últimas décadas. Defende que o retorno das narrativas ao cenário intelectual é resultado de uma guinada paradigmática das ciências sociais e cognitivas rumo à linguagem e interpretações intersubjetivas tomadas como processos de instituição e constituição do mundo, como veremos.

BREVE HISTÓRIA DA MUDANÇA DE UM PARADIGMA

Há cerca de um século, e mais particularmente nas últimas cinco décadas, assistimos ao que alguns filósofos chamam de giro ou 'virada linguística' (*the linguistic turn*): a filosofia abandonou gradualmente o seu antigo objeto, a metafísica, e deu uma guinada rumo à linguagem fazendo dela o seu objeto principal. Não tenho a pretensão de fazer aqui um resumo completo dessa guinada. Quero neste artigo conjecturar sobre essa virada linguística a fim de

justificar a recente aquisição, no mundo acadêmico e profissional, de uma maior consciência sobre a importância da linguagem na experiência e conhecimento humanos, ocorrida nas últimas décadas.

No âmbito da guinada rumo à linguagem poderemos compreender melhor o movimento de retorno às narrativas à ordem do dia, e situar esse movimento no contexto da *busca pelo significado*, que se tornou o objeto maior da filosofia contemporânea. Essa conjectura terá de passar brevemente por diferentes áreas do conhecimento, como a antropologia, as teorias da linguagem e teoria literária, as ciências cognitivas e outras. Esse percurso ajudará a reflexão a respeito das razões do retorno da narrativa ao centro da discussão sobre a construção de sentidos, ou ainda a respeito do papel das narrativas na apresentação, representação e instituição narrativa (ou imaginária) da realidade social.

O giro linguístico concedeu à linguagem um papel fundamental na experiência humana. A linguagem passou a ser considerada intrínseca ao próprio pensamento. Toda nossa atividade mental é *palavra* ou busca a palavra, segue o raciocínio. Pensamento e linguagem (ou conhecimento e expressão) passaram a ser considerados uma só coisa. A linguagem deixou de ser um mero veículo, pois não há pensamento sem linguagem, apenas pensamento *na* linguagem (Chillón, 1999, 23/5). A experiência, prossegue o argumento, é sempre pensada e sentida linguisticamente. Pensar, compreender e comunicar passou a ser quase sinônimo de abstrair e categorizar linguisticamente: transsubstanciar em palavras e em enunciados as percepções provenientes da realidade externa pelos sujeitos, assim como as sensações e emoções provindas da realidade interna e experimentadas pelos sujeitos.² “Conhecemos o mundo sempre de modo tentativo à medida que o designamos com palavras e o construímos sintaticamente em enunciados, à medida em que o *empalavramos*” (Duch, 1998, 458).

Para avançar a reflexão a cerca da importância da linguagem e da narrativa na experiência e cognição humanas recorro às palavras do antropólogo catalão Lluís Duch, acima citado. Explica ele que o mundo só adquire sentido na medida em que o traduzimos linguisticamente. O homem, ser que fala, *animal loquens*, capaz de falar, é um ser condenado: depende da mediação da

linguagem para conhecer o mundo. Nós, seres humanos, prossegue o autor, dependemos da linguagem para conhecer, nomear e expressar tudo: empalavramos seguidamente o mundo recriando a realidade. Não existe vida humana à margem da palavra, conclui ele: a linguagem é a experiência humana essencial, torna o ser *humano*. Empalavramos o mundo porque essa é a forma humana de conhecer.

Para o autor, exercer o ofício de homem equivale a dar consistência verbal à realidade. Viver, resume ele, é um *affair* linguístico: o homem só pode conhecer, conjecturar, assombrar-se, duvidar ou questionar a realidade mediante a linguagem (Duch, 1998). A linguagem é o instrumento privilegiado através do qual o homem se nega a aceitar o mundo tal como ele é. Conforme o crítico franco-saxão George Steiner, citado por Duch: *a palavra nos liberta do silêncio da matéria*. Ou ainda na frase lapidar do poeta mexicano Octavio Paz, também citada por ele: a palavra é uma ponte mediante a qual o homem trata de conhecer a distância que o separa da realidade exterior.

As ideias fundadoras do giro linguístico ocorreram simultaneamente às mudanças de paradigmas em outras áreas do conhecimento, que concorreram no mesmo período para reforçar a busca pelo sentido das coisas, fenômenos e relações humanas. Na antropologia foram influentes as idéias do antropólogo norte-americano Clifford Geertz (1989), fundador da antropologia interpretativa (ou antropologia hermenêutica). Para ele, fazer etnografia é uma atividade muito parecida com a tarefa do crítico literário, é fazer uma leitura ou interpretação dos significados das estruturas conceituais complexas. A cultura, segundo Geertz, consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas às quais as pessoas respondem, e a análise cultural é, ou deveria ser, uma adivinhação do significado.

De acordo com Geertz, a cultura não deve ser compreendida como um conjunto de padrões concretos para governar o comportamento, mas como um conjunto de mecanismos de controle – receitas, regras, instruções (um fundo acumulado de significantes) que os homens utilizam para realizar uma construção dos acontecimentos através dos quais vivem.³ “Sem os homens certamente não haveria cultura, mas de forma semelhante e muito significativa - prossegue - sem

cultura não haveria homem” (Geertz, 1989, 21). O próprio autor define essa vertente como “antropologia interpretativa” e alguns autores chamam a ampla adesão que houve a este novo paradigma de “giro antropológico”, por analogia ao giro linguístico. Os acontecimentos gerados por essa guinada linguística da antropologia são bastante semelhantes àqueles produzidos pela “nova história” na historiografia. Ou seja, parece ter acontecendo um giro profundo de paradigmas nas ciências sociais em geral rumo à linguagem e seus processos cognitivos.

Penso que as ideias de Geertz se encontram também, em alguns pontos, com aquelas do influente sociólogo canadense Erving Goffman a respeito da realidade cultural. Para Goffman (2009) a ‘normalidade’ é construída pelo contraste com o negativo: o falso revela o autêntico, a normalidade é reconstruída e regulamentada no sucessivo confronto com a anormalidade. As pessoas atuam nas micro-relações sociais como se houvesse entre elas acordos substanciais, efetivos e verificáveis, e projetam cooperativamente definições de situações para estabelecer entre elas consensos operativos comuns (o autor chama esse processo de estabilização social de ‘paz do rei’). A versão de cada um sobre a realidade se integra na definição da realidade relativa entre os homens e, ao mesmo tempo, liga-se a estruturas sociais mais amplas, constituindo o senso comum.

As pessoas trazem para essas relações os *frames* culturais, premissas organizativas que reconstroem definições das situações, decifram e dão sentido ao fluxo dos acontecimentos, conforme o pensamento de Goffman. Os *frames* permitem definir situações de interação e também definir a estrutura da experiência que os indivíduos têm da vida social. Na verdade, não se define só a significação dos episódios da vida cotidiana, mas define-se também o tipo de implicação requerido por ela. Definir uma situação, diz ele, implica também estabelecer os modos apropriados de participar nela: não se trata só de dar um sentido ao que está se passando, mas também estar dentro dos acontecimentos, estar espontaneamente implicado no que está ocorrendo.⁴ Goffman, os demais autores citados e tantos outros contribuem assim para adensar as ideias dos giros linguístico, antropológico e historiográfico, desenvolvendo suas aplicações no âmbito da sociedade e da cultura.

A REALIDADE COMO TECIDO DE SIGNIFICADOS

Fiz até aqui uma brevíssima tentativa de recuperar algumas mudanças significativas nos paradigmas da filosofia e das ciências sociais nas últimas décadas para chegar ao que denominei no título deste artigo de “retorno da narrativa e busca do significado”. Para completar o raciocínio, é necessário incluir algumas reflexões a respeito do lugar do homem no processo de conhecimento. Recorro aqui às teorias de Peter Berger e Thomas Luckmann no influente livro *A construção social da realidade* (1994, original de 1966). Berger e Luckmann foram influenciados pelas ideias fundadoras do sociólogo austríaco Alfred Schutz (Schutz, 1995; Schutz e Luckmann, 2001). Fugindo da guerra, Schutz migrou em 1939 para os Estados Unidos, onde se encontrou com seus discípulos. Também aqui, não pretendo fazer uma revisão integral das formulações desses autores, mas uma curta revisão do pensamento deles. Ciente dos riscos dessa opção, me limitarei a uma breve síntese pinçando as formulações que me parecem pertinentes ao raciocínio que sigo.

Berger e Luckmann partem das perguntas “*o que é real e como o homem comum conhece sua realidade concreta e cotidiana?*” para elaborar uma teoria relativista empírica do conhecimento social: ‘aglomerações’ específicas da realidade e do conhecimento que se referem a contextos sociais específicos. Eles propõem uma sociologia do conhecimento que trata da multiplicidade empírica do conhecer, mas também dos modos gerais pelos quais as ‘realidades’ são admitidas como ‘conhecidas’ (1994,13). Destacando o caráter intencional da consciência, os autores dizem que a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade intersubjetivamente interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente e ordenado, reafirmado como mundo real. Assim, a realidade da vida cotidiana, ou senso comum, é esse conhecimento que constitui o *tecido de significados*, sem o qual nenhuma sociedade pode existir (1994, 30).

A realidade da vida cotidiana (senso comum partilhado) é admitida pela sociedade como sendo a realidade: ela está aí como facticidade evidente por si mesma, compulsória, real, proclama-se a si mesmo.⁵ Essa convicção sobre o que

é real e o que é a realidade é tão determinada e pressuposta, dizem os autores, que qualquer suspensão temporária dessa certeza (uma dúvida religiosa ou estética), qualquer “saída” dessa convicção torna-se um campo finito e delimitado de significação diante das certezas confirmadas do cotidiano. Mas, a ordem social existe unicamente como produto da atividade humana e as instituições por ela produzidas (hábitos, costumes, papéis, especializações, regras, leis, etc.) tornam-se reais, enraizadas na cultura transmitida e retransmitida, tornam-se *o mundo*: “O mundo institucional é a atividade humana objetivada”.

As operações de objetivação da realidade são relativas às numerosas variações socioculturais, mas é o homem como ser aberto para o ambiente quem constrói a sua própria natureza, *produz a si mesmo*. O produto do homem reage sobre o produtor. A exteriorização e a objetivação são momentos de um processo dialético contínuo. A autopromoção do homem é sempre e necessariamente um empreendimento social, em conjunto, intersubjetivo. *Homo sapiens, homo socius*: “A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social” concluem.

Para Berger e Luckmann o conhecimento constitui a dinâmica motivadora da conduta institucionalizada. Ele define e constrói os papéis, reifica a apreensão dos fenômenos humanos como se fossem naturais, cósmicos, dizem os autores. Socialmente objetivado como conhecimento, isto é, como um corpo de verdades universalmente válidas sobre a realidade, qualquer desvio toma caráter de afastamento da realidade institucionalizada (1994, 93). Desse modo, o particular torna-se o mundo *tout court*. O que a sociedade admite como conhecimento vem a ser co-extensivo com o cognoscível: tudo aquilo que ainda não é conhecido chegará a ser conhecido no futuro. O conhecimento institucionalizado situa-se, assim, no coração da sociedade e media a interiorização, fornece a estrutura dentro da qual tudo aquilo que ainda não é conhecido chegará a ser conhecido no futuro. Torna-se o coração da dialética fundamental da sociedade: programa os canais pelos quais a exteriorização produz o mundo objetivo. Objetiva este mundo por meio da linguagem e do aparelho cognoscitivo.

Corroborando e fortalecendo o que foi dito acima a respeito de outras áreas das ciências sociais, a sociologia do conhecimento destes dois influentes autores reafirma, portanto, que o homem e sua sociedade são produtos do próprio homem, de seu empalavramento sucessivo do mundo: a realidade cotidiana, ou o senso comum compartilhado, é um tecido de significados e relatos intersubjetivos, produto da ação, vontade, pensamento e comunicação entre os próprios homens. As narrativas fáticas ou fictícias operam e entretecem, de maneira intersubjetiva e coerente, esse tecido significativo compartilhado.

Fica evidente agora que o retorno da narrativa ao centro do pensamento filosófico e cognitivo é parte do giro linguístico e antropológico. É produto da recuperação da ideia da linguagem como objeto primordial de mediação entre o homem e o mundo 'exterior' a ele, intersubjetivamente institucionalizado através das inúmeras narrativas humanas, do mar de estórias onde o homem navega às cegas buscando encontrar os sentidos da vida e da aventura humana. Empurrados por essas teorias iluminadoras, demo-nos conta da relevância das narrativas na textura geral da experiência e na configuração intersubjetiva de nossa sociedade.

CONCLUSÃO: somos viajantes do nosso próprio percurso hermenêutico

Procurei neste artigo, ainda que muito brevemente, situar o 'retorno das narrativas' no interior do giro linguístico e antropológico, e da guinada rumo à linguagem e à interpretação. Este 'retorno' acontece na sociologia, antropologia, história, na busca geral do significado que se intensificou em todas as ciências cognitivas. Cresceu nas últimas décadas a consciência que a linguagem é mediadora entre homem e mundo, mediadora das nossas experiências, do nosso conhecimento sobre a realidade, das representações que construímos, das sucessivas apresentações discursivas que fazemos dos fenômenos materiais e sociais. Ficou mais claro que a linguagem é o veículo de instituição e constituição do mundo humano, e a narrativa é a expressão humana que entretece os

significados em configurações coerentes. O retorno da narrativa se dá, portanto, no interior desse novo paradigma hermenêutico-interpretativo.

Como diz L. Duch (1998), não existe vida humana à margem da palavra. O ser humano depende radicalmente da linguagem para conhecer e acercar-se ao mundo. A linguagem é a experiência humana essencial: faz o ser tornar-se humano. Nós empalavramos seguidamente o mundo porque essa é a forma humana de conhecer. É a partir deste pressuposto que desenvolvo o raciocínio ao longo de minhas pesquisas sobre as narrativas midiáticas: elas não realizam só a mimese aristotélica, não só representam fatos e fenômenos, mas apresentam e constituem intersubjetivamente o mundo.⁶ Acredito que a narrativa é a forma universal de empalavramento dramatizado da realidade para ajudar o homem e as coletividades a se situarem continuamente no mundo em movimento, a história.

Exercer o ofício de homem equivale a empalavrar os fenômenos e coisas, consiste em dar consistência verbal à realidade, arremata Lluís Duch. Eu diria mais, equivale a empalavrar o mundo em sucessivas histórias contadas e recontadas. Se antes elas circulavam através da palavra oral, hoje circulam cada vez mais intensamente através da mídia. Embora tenham perdido o monopólio que mantinham na tradição, as narrativas midiáticas continuam atraindo e seduzindo audiências e nos ajudando a nos situar no mundo.

Para finalizar e reforçar o argumento desenvolvido no artigo, repito uma vez mais as palavras do antropólogo catalão: viver é um *affair* linguístico. O homem só pode conhecer, conjecturar, assombrar-se, duvidar ou questionar a realidade mediante a linguagem, mediante suas narrações. A linguagem e a narrativa são instrumentos privilegiados através dos quais o homem se nega a aceitar o mundo tal qual ele é, se nega a aceitar o silêncio da matéria lançando-se na incrível aventura contra a barbárie, contra a selvagem e caótica realidade, contra as contingências e indeterminações. Nossas experiências, nossa existência, a aventura humana toda é, na verdade, um longo trajeto hermenêutico, da qual nossas narrativas fazem parte. Como nos relembra o sociólogo francês Gilbert Durant (1997), somos viajantes de nosso próprio percurso hermenêutico.

ABSTRACT

Up to the first half of last century the systematic study of narratives was restricted to literary theory. From that time on narratives came to be the privileged subject of sectors that were resistant to narrative analysis so far (as history, anthropology, sociology). The article tracks down the conceptual reasons why narratives have returned to the center of attention in social and cognitive sciences. It defends the thesis that the return of narratives to academic scenery derives from a paradigmatic turn in social and cognitive sciences towards language and cultural interpretation, process of institution and constitution of the social world.

Keywords: Linguistic turn. New paradigm. Narratives. Social and cultural construction of reality.

NOTAS

- 1 Professor-titular e coordenador de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Doutor em comunicação pela University of Wisconsin (USA) e residência de pós-doutorado junto à Universitat Autònoma de Barcelona.
- 2 Seguindo a W. von Humboldt e F. Nietzsche, Albert Chillón alega que não existe *uma* realidade objetiva nem *uma* verdade, e nem por isso devemos cair no niilismo. Existem múltiplas realidades e experiências que conformam sentidos para cada um e que são compartilhadas com os demais, a partir das quais construímos intersubjetivamente nossas verdades, afirmação com a qual estou de acordo.
- 3 Esse fundo de significantes tem sido tratado com outros nomes por diversos autores. Para Gilbert Durand (1998), por exemplo, trata-se de um ‘museu’ de pré-imagens e matrizes arquetípicas que afloram do fundo do inconsciente, e possibilitam a produção, transmissão e recepção do imaginário – todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas pelo homem.
- 4 Goffman, Erving, in Mauro Wolf (2000, 44). Wolf diz, seguindo Goffman, que a reflexividade do frame faz com que a descrição de um encontro social seja parte essencial da possibilidade de reconhecer esse encontro enquanto unidade social descritível: “o funcionamento dos frames faz algo mais que distinguir várias realidades sociais: fundamenta-as e ao mesmo tempo realiza a possibilidade de torná-las descritíveis”.
- 5 Processo, segundo eles, realizado através da linguagem.
- 6 Na Universidade de Brasília o grupo de estudo ‘Narrativas jornalísticas e história do presente’ que coordeno realizou ao longo dos últimos anos investigações a partir dessa perspectiva. Indico algumas referências a título de exemplo. A pesquisa de Célia M. L. Mota (2008) estudou o conjunto das notícias de um telejornal como uma narrativa que foi se formando em torno de um tema, o conflito diplomático entre o Brasil e os Estados Unidos sobre a exigência recíproca de vistos para turistas dos dois países. A tese observou como a narrativa racional do jornalismo produz sentidos de identidade do “eu” brasileiro e concluiu que a cobertura ativa mitos, valores e crenças (metanarrativas de fundo). A pesquisa de Érica S. Neves (2010) investigou as relações de poder político e simbólico (poder de voz) entre os atores sociais envolvidos em uma narrativa midiática. Conclui que a performance estratégica de cada ator na defesa de sua versão influi na narrativa tornada pública pelo jornal. A pesquisa de

Thalita S. Fróes (2003) observou a co-construção da realidade social através do jogo interacional entre o leitor e a notícia. Conclui que os mundos possíveis que se abrem na narrativa profana do jornalismo permitem manifestações sacralizadas através de processos de recorrência tematológica no texto jornalístico. A pesquisa de Eduardo L. Correia (2012) investigou até que ponto a estrutura dramática da novela policial possui assimetrias com a tessitura da intriga de um intrincado acontecimento político-policial relatada por um jornal de circulação nacional. A pesquisa de José C. Santos (2011, em andamento) realiza uma análise pragmática para compreender até onde a tessitura da intriga tecida por um jornal de circulação nacional em torno do escândalo do mensalão se estrutura a partir do papel-temático 'dinheiro' (a intimidade do privado imiscuindo-se na esfera pública), que funciona como um signo de ancoragem aglutinador de significados, a partir do qual se organiza toda a narrativa jornalística.

REFERÊNCIAS

- BELL, A., *The language of news media*, Blackwell, Oxford.1996.
- BERGER, P.; T. Luckmann. *A construção social da realidade*. Vozes: Petrópolis. 1973
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Contexto: S. Paulo. 2010
- CHILLON, A. *Literatura y periodismo*. Aldea Global: Barcelona. 1999.
- CORREIA, E. L. *Narrativa jornalística e romance policial-simetrias e assimetrias estruturais*. Universidade de Brasília (UnB). 2011.
- DUCH, L. *Mito, interpretación y cultura*, Herder. Barcelona. 1998.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. M. Fontes: S. Paulo. 1997.
- DURAND, G. *O imaginário*. Difel: S. Paulo. 1999.
- FRÓES, Thalita S. *Contando estórias: o jogo entre a notícia e o leitor*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília (UnB). 2003
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação da cultura*. LTC: Rio de Janeiro.1989.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Vozes: Petrópolis. 2009.
- MOTA, Célia L. *Representações sobre a identidade nacional na notícia da TV*. Tese doutoral. Universidade de Brasília. 2008.
- NEVES, Erica S. *A construção do acontecimento*. Dissertação de mestrado. UnB. 2010.
- SANTOS, José C. *O dinheiro no 'mensalão'*. Tese doutoral, FAC-UnB. 2011.
- SILVERSTONE, R. *Por que estudar a mídia?* Loyola: S. Paulo. 2002.

SCHUTZ, A. *El problema de la realidad social*. Amorrortu: B. Aires. 1995.

SCHUTZ, A.; T. Luckmann. *Las estructuras del mundo de la vida*. Amorrortu: B. Aires. 2001.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade*. Vozes: Petrópolis. 1998.

VAN DIJK, Teun. *Discurso e poder*. Contexto: S. Paulo. 2010.

_____. *La noticia como discurso*. Paidós: Barcelona. 1996.

WOLF, M. *Sociologías de la vida cotidiana*. Catedra: Madrid. 2000.